

SE ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES É
UM ALIADO IMPORTANTE, CUJO APOIO
PARA A EMENDA DA REELEIÇÃO NÃO
PODE DISPENSAR, O SENADOR ÍRIS
REZENDE É UM ALIADO FIDELÍSSIMO

As Visceras do Poder

POLÍTICA
TRAMAS
E DRAMAS

TARCÍSIO HOLANDA

FHC PREPARA-SE PARA INTERVIR EM FAVOR DE ACM

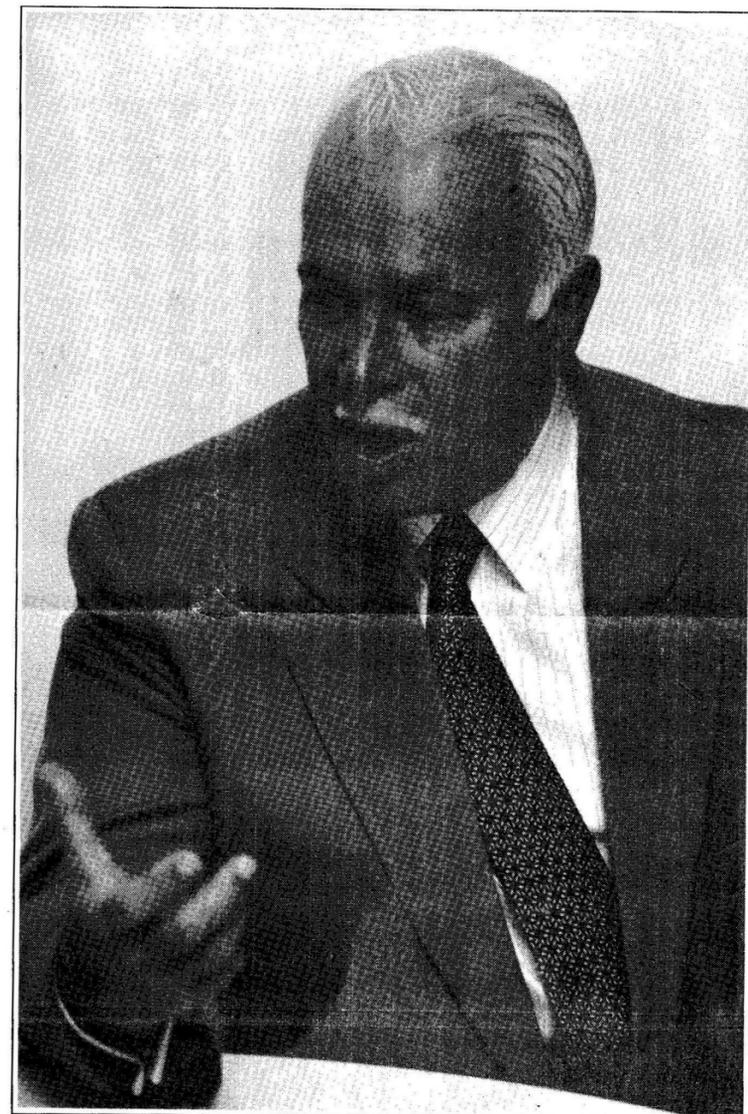
O PRESIDENTE Fernando Henrique Cardoso vive o seu inferno astral. Como se não bastasse a ameaça de criação de uma CPI para as irregularidades praticadas no Orçamento do próximo ano, há o envolvimento de ministros de seu governo com a quebra do sigilo bancário de nove deputados do PPB, na véspera de reunião em que a Executiva Nacional do partido fincou posição sobre a emenda da reeleição, e se complica, cada vez mais, as disputas pela presidências da Câmara e do Senado. Ninguém ignora que a escolha dos futuros presidentes das duas Casas do Congresso está diretamente relacionada com a votação da emenda da reeleição. Os dois maiores partidos do Congresso e de sua base de apoio, PMDB e PFL, brigam pelos cargos e por maior espaço no universo político, ameaçando abalar as alianças do Governo. Cristalizaram-se de tal forma as posições, lado a lado, que o Presidente não tem como intervir impunemente nas disputas, a essa altura acirradas.

Dentro de seu partido, o PSDB, irrompeu uma rebelião. A maioria está inconformada com o tratamento que recebe e os condicionamentos que lhe impõe o governo. A rebelião chegou a tal ponto que o Presidente foi aconselhado a cancelar jantar que ofereceria, à noite de quarta-feira, a seus companheiros de partido, na granja do Torto. A maioria recusou-se a atender ao apelo do Governo para retirar apoio à candidatura avulsa do deputado tucano pernambucano Wilson Campos, que tem, em seu poder, documento com as assinaturas de mais de 300 deputados reforçando sua candidatura. O escândalo da quebra do sigilo bancário envolveu os ministros Luiz Carlos Santos, da Coordenação Política, e Eduardo Jorge Caldas, Secretário-Geral da Presidência. Santos acusou Eduardo Jorge de ser o mentor de toda a operação montada no Banco do Brasil para devassar as contas pessoais e de empresas de nove deputados que integram a Executiva Nacional, certamente para pressioná-los a favor do Governo na reunião em que a Executiva do PPB abriu a questão sobre a emenda da reeleição, derrotando Maluf.

O Palácio do Planalto resolveu inocular os dois ministros. Santos desmentiu confidências que fez, a 30 mil pés

de altura, ao deputado Delfim Neto, em voo de São Paulo para Brasília. Outra testemunha da conversa, o senador Gilberto Miranda, que acaba de se transferir do PMDB para o PFL, a fim de apoiar a candidatura do senador Antônio Carlos Magalhães, também negou que tenha ouvido qualquer coisa. Santos tinha dito a Delfim e Miranda que Eduardo Jorge procurara lhe sabotar desde sua nomeação para Ministro da Coordenação Política. Reservou para ele um gabinete nos porões do Palácio e só a muito custo conseguiu subir para o terceiro andar. Delfim não se conformou com o desmentido. Irônico, como sempre, disse que, a 30 mil metros de altura, temente a Deus, Luiz Carlos falava a verdade, para se transformar, em terra firme, num grande mentiroso. Quanto a Gilberto Miranda, disse que, nas alturas era surdo e em terra não tinha compromisso com a verdade.

O advogado e jurista Saulo Ramos está ingressando com representação no Supremo Tribunal Federal denunciando as diversas violações constitucionais praticadas pelo Governo e reclamando que a Justiça determine uma investigação em regra sobre o fato para resguardar a privacidade e incolumidade dos nove deputados do PPB que tiveram suas contas pessoais e de empresas de-



vassadas pela bisbilhotice do Palácio do Planalto. Grande advogado, Saulo está processando, em outro processo, o Ministro das Comunicações, Sérgio Motta, por ter chamado de ladrão o Prefeito de São Paulo, Paulo Maluf. Rumores que chegam do Supremo dão conta de que Sérgio Motta estará em maus lençóis, se não se retratar das acusações pessoais feitas ao alcaide paulistano. Enfim, criou-se um clima de excitação e nervosismo no Congresso que não favorece a votação da emenda da reeleição e nem as eleições para renovação das Mesas da Câmara e do Senado, em torno das quais se engalinharam o PMDB e o PFL.

EXIGÊNCIA

O senador Antônio Carlos Magalhães está exigindo que o Presidente se intrometa pessoalmente na disputa pela presidência do Senado em seu favor. Isso equivale a fazer com que o Presidente da República converse pessoalmente com cada um dos senadores pedindo seu voto para o senador baiano. Será que Fernando Henrique pode fazer isso? Se Antônio Carlos é um aliado importante, cujo apoio para a emenda da reeleição não pode dispensar, o senador Íris Rezende é um aliado fidelíssimo, e seu partido, o PMDB, uma peça

partidos do Congresso que torna difícil sua administração. Ficar passivo pode ser ruim, intervir pode ser um mal.

Em todo esse jogo, existe uma figura que tem desempenhado papel de pião nas articulações em favor da emenda da reeleição. É o deputado Luís Eduardo Magalhães, atual presidente da Câmara, que decidiu renunciar a qualquer ambição, inclusive ministerial, para se dedicar, em tempo integral, à candidatura de seu pai, Antônio Carlos Magalhães, à presidência do Senado. O Presidente sabe que Luís Eduardo é peça importante no esquema destinado a viabilizar a aprovação da emenda da reeleição, sobretudo agora que o Ministro da Coordenação Política sofreu desgastes irreparáveis nessa história de quebra do sigilo bancário dos nove deputados do PPB. Na verdade, não é difícil imaginar que o presidente Fernando Henrique Cardoso foi colocado diante de uma sinuca de bico. E dela não poderá sair sem alguns desgastes que certamente lhe provocarão danos.

IMPUNIDADE

Já ficou claro que o governo pretende tratar o escândalo com panos mornos. O Presidente decidiu salvar o pescoço dos dois Ministros envolvidos. Mais uma vez, o culpado é o mordomo. O Presidente decidiu demitir dois funcionários de terceiro escalão no Banco do Brasil, um deles é Plínio Gonçalves Dutra, o outro não teve seu nome publicado. As conclusões da sindicância foram levadas ao Presidente pelo ministro da Fazenda. O Governo age, neste caso, como agiu no escândalo do Sivam. O embaixador Júlio César Gomes dos Santos fazia "lobby" em favor da Raytheon, mantendo suspeita amizade com o seu representante no Brasil, o comandante Assunção, da Líder. O Embaixador recebeu uma cobiçada Embaixada em Roma, enquanto aquele que mandou gravar suas conversas, no comando de grande intriga palaciana, Francisco Graziano, foi empregado pelo governo paulista. Está tudo em casa...

INTERVENÇÃO

Já não há dúvida de que o presidente Fernando Henrique Cardoso prepara-se para intervir na disputa pela presidência do Senado em favor do senador Antônio Carlos Magalhães. O Presidente e seus principais conselheiros, depois de pesarem prós e contra, chegaram à conclusão de que qualquer alternativa importa em pesados ônus, mas o custo maior seria deixar a candidatura do ex-Governador da Bahia correr o páreo por sua própria conta e risco. Assim sendo, Fernando Henrique vai chamar senadores mais flexíveis do PMDB para uma conversa, visando a quebrar a espinha dorsal da candidatura do senador Íris Rezende.

Alguns aceitarão o jogo, outros poderão não aceitá-lo, criando problemas para o Presidente no Senado.

indispensável na votação da proposta. Se ficar o bicho come, se correr o bicho pega. O Presidente deixou que o processo avançasse demais para que seja possível obter algum resultado concreto sem assumir sérios riscos. Na avaliação que fazem muitos senadores, se uma derrota em plenário do senador Antônio Carlos pode ser desastrosa para o governo, sua vitória colocaria na presidência do Senado um aliado que tem consciência do valor de seu apoio.

Os senadores do PFL que estão engajados na candidatura do senador Antônio Carlos Magalhães sustentam que, para Fernando Henrique Cardoso, o mal menor estará em apoiar abertamente a candidatura de Antônio Carlos. Acontece que o PMDB, que sempre teve em suas mãos as presidências do Senado e da Câmara, considera intolerável a hipótese de intervenção de FHC em favor de Antônio Carlos. O PMDB se considera enfurnado nos subúrbios do governo, sobre o qual não detém qualquer influência. O Ministro que tem é o da Justiça, Nelson Jobim, que é mais do Presidente do que do partido. Enquanto isso, o PFL tem a vice-Presidência da República e consegue emplacar posições importantes dentro da máquina governamental. Na verdade, deflagrou-se um conflito de interesses entre os dois maiores